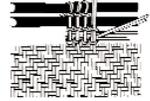


Reflexões em torno das raízes culturais da mulher na Amazônia

Heloísa Lara Campos da Costa*



RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa sobre a representação social da mulher amazônica no século XIX. Ele trata do imaginário da mulher da Amazônia formado pelos viajantes, pela literatura e por jornais da época. Como proposta, sugere reflexões sobre as origens culturais da mulher na região, em face das condições em que ocorreram as relações entre os colonizadores e a população nativa.

Palavras-chave: *Mulher, Amazônia, imaginário, representação.*

ABSTRACT

This article is part of a study of the social representation of Amazonian women in the 19th Century. It deals with the concept of women in Amazonia formed by the travelers, by the literature, and by the newspapers of the period. The purpose of this article is to offer some reflections on the cultural origins of the women in the region, taking into account the circumstances in which the relations between the settlers and the native peoples took place.

Key words: *Woman, Amazon Region, concept, representation.*

INTRODUÇÃO

Este texto faz parte de uma pesquisa maior sobre a representação da mulher no pensamento social da Amazônia, no século XIX, no período de 1840-1930.

À semelhança de alguns historiadores, considere esse século, não em termos cronológicos, mas em função das idéias e grandes representações que o marcaram e extrapolam para o início do século XX, até meados dos anos 30. Refiro-me ao liberalismo, positivismo, nacionalismo e socialismo, dentre outras e que marcam a travessia da modernidade para a contemporaneidade.¹

Outra razão é que vou utilizar como fontes de investigação a memória dos viajantes, jornais, romances e revistas da época, e

é, sobretudo, a partir de 1840 que se consegue dispor de maior número de informações.

Para efeito de estudo tomei como foco de análise a Província do Grão-Pará, pela sua proeminência econômica e política na região e que na época incluía a Comarca do Alto Amazonas, atual Estado do Amazonas. Belém, capital da Província, funcionava como entreposto comercial entre a região e o exterior, além da sua importância como sede administrativa da Província junto ao Governo Central e de sua responsabilidade pela segurança e manutenção da soberania do Império na esfera de sua jurisdição.

Meu objetivo neste texto é levantar algumas questões que permitam refletir sobre a Amazônia e a formação cultural da mulher na região.

*Mestre em Ciências Sociais e professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Amazonas.





A AMAZÔNIA À LUZ DE SEU IMAGINÁRIO

A Amazônia, no século XIX, associada à idéia de exuberância, diversidade, exotismo, povoou o imaginário coletivo dos europeus, dando ensejo à chegada de numerosos viajantes, cientistas, homens de negócios e religiosos.

Muitos aqui aportavam pelo afã de aprender, outros com intuítos menos vagos e direcionados ao campo da história natural, influenciados pela divulgação das obras de Humboldt, Darwin e La Condamine. Buscavam colher material e fazer observações para comprovar teorias, suprir instituições científicas ou coleções particulares. Naturalistas organizaram expedições científicas importantes, de acordo com os governos que as financiavam.

A intenção de conhecer, registrar e divulgar suas observações marcaram essa fase dos viajantes, em contraponto à curiosidade predominante no início da Conquista.

As idéias viajavam com maior rapidez do velho para o novo mundo, auxiliadas pela melhoria das tecnologias de transporte, em consequência da Revolução Industrial e da expansão do mercado editorial.

A idéia de integração do homem à natureza, a figura do *bon sauvage*, posta por Rousseau, também alimentava esse desejo de alcançar o desconhecido, ou o decantado “mundo natural”.

Na medida que tais visitantes voltavam a suas terras, passaram a difundir relatórios de viagem, de leitura pitoresca, informativa e fascinante que irão compor a cultura de uma classe média européia e substituir a literatura anterior marcada por cartas e diários (Quintaneiro, 1996).

Tais visitantes, na medida que propiciavam a circulação dessas informações, supriam a necessidade de conhecer para os que ficavam, contribuía para modificar conceitos antigos sobre as populações e o meio ameríndio, bem como criavam novas expectativas.

Intuítos diferentes moviam os homens de negócios que por força da expansão mercantil vinham em busca dos produtos extrativos da selva: salsaparrilha, cacau, óleo de copaíba, urucu, etc.

Religiosos tencionavam propagar a sua verdade e marcar os seus domínios.

A idéia de Amazônia como Inferno ou Paraíso marcou o pensamento de uns ou de outros, conforme a experiência, por eles aqui vivida, cruzou com o conteúdo de suas bagagens, em termos de expectativas, preconceitos e visão de mundo. De certa maneira, quase toda a literatura produzida sobre a Amazônia expressava essa dicotomia. Quem estaria mais próximo da verdade?

Na realidade, pensar a Amazônia de hoje ou de ontem, implica em buscar suas referências, analisar a igualdade e diferença e sobretudo buscar o entendimento do processo social e histórico onde se insere. Nem Inferno, nem Paraíso, mas tão-só uma sociedade que passou por um processo particular de colonização, de enfrentamento da população indígena com os povos conquistadores, repositária de uma cultura distinta a do negro africano. Portanto, questões de raça e cultura diferentes e iguais, em determinados aspectos, às demais regiões do país, com ênfase, necessário se faz anotar, à consideração do tempo histórico em que se situa sua cultura e sociedade.²

Em ciências sociais a relação passado/presente é sempre recorrente. Buscamos atrás as respostas para o agora. Contudo nosso “Olhar” constitui sempre uma forma, até certo ponto peculiar, de ler o passado, seus personagens e contextos. Daí advém a noção de representação, que levou Kant a considerar o conhecimento como uma representação e a própria ciência como uma “síntese de representações”.

As estruturas de tempo e espaço, consideradas por Kant como universais enquanto categorias abstratas, na medida que se as contextualiza em uma dada realidade, é possível identificar características interessantes. Bourdieu as explora com muita felicidade em sua obra *O Desencantamento do Mundo* (1979). A mesma orientação pode ser utilizada numa visão comparativa entre a Amazônia e as demais regiões do país.

O “Olhar” representa também um estilo de pensamento, diferenças ontológicas e epistemológicas entre o Ego e o Alter, em suma, uma forma de inventar o “outro”. Edward Said em seu livro *Orientalismo – O Oriente como Invenção do Ocidente* (1990) mostra como o Ocidente inventou o Oriente a partir de suas próprias questões e analisa essa leitura como decorrente de uma atividade acadêmica denominada orientalismo que teve seu auge no século XIX e serviu de base aos seus intentos imperialistas.

O mesmo raciocínio pode ser feito em relação à América e à Amazônia. Os viajantes e conquistadores que por aqui andaram manifestaram seu fascínio ou estranhamento em relação à natureza e aos povos nativos a partir dos parâmetros da chamada “civilização ocidental”, tida como física, econômica e culturalmente superior.

A partir daí justificava-se todo o processo de dominação branca, quer operada de forma mais violenta e agressiva pelos colonizadores, quer menos imediata, menos visível, mas não menos arrasadora como a dos evangelizadores e catequisadores.

Uma diferença porém, marca o resultado da ação dos europeus no Oriente. Lá se depararam com uma cultura fortemente estruturada, mais consciente e difícil de ser penetrada, o mesmo não acontecendo em relação à cultura ameríndia.

Pergunto: até que ponto terá esse imaginário construído sobre a Amazônia alguma relação com a representação social sobre a mulher?

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER

Dada a nebulosidade de que se revestem as informações sobre a mulher, tentar captar como ela foi representada na realidade social passada da Amazônia requer um duplo desafio: primeiro, buscar o entendimento das relações sociais, políticas e econômicas que, imbricadas, produziram um determinado ideário sobre a mulher e, segundo, o ocultamento que cerca as informações sobre a mulher pela excessiva “naturalização” como são vistas e registradas pelos observadores as práticas de relações de gênero. É como garimpar num terreno pedregoso e de difícil acesso ao veio principal Mas a ausência ou omissão de informações pode ser um bom indicativo para a investigação; o importante é interrogar o sentido do silêncio e sua historicidade.

Qual a relevância do tema para as ciências sociais?





Hoje, no Brasil, os estudos sobre a mulher, quer na vida privada, quer pública, tem uma produção razoável. Porém, sobre a mulher do século XIX e início do século XX, em termos de pensamento social, há uma grande lacuna. Nesse período, a mulher é praticamente ausente, tanto como criadora quanto como protagonista do pensamento social. O mesmo pode se dizer em relação à América Latina.

No século XIX o tema da educação é bastante recorrente e extrapola a questão dos papéis educacionais da mulher. Lizardi, Bello, Alberdi, Bilbao, Sarmiento, Marti (cit. por Valdés, 1996) referem-se à educação feminina. Clorinda Matto de Turner, escritora peruana, foi uma das poucas que trataram explicitamente da questão feminina. Procura destacar as mulheres que sobressaíram no mundo das letras e exalta sua capacidade em superar as próprias condições. No Brasil, os pensadores clássicos: Freyre, (1963, 1977), Oliveira Vianna (1938, 1955), Buarque de Holanda (1998), ao se referirem à mulher a viram somente no âmbito da família e mesmo assim deixaram na sombra a mulher amazônica. Exceção que vem confirmar a regra é o livro de Joaquim Norberto de Souza Silva, *Brasileiras Célebres*, publicado pela primeira vez pela Editora Garnier, no Rio de Janeiro, em 1862.

As obras de Clorinda Turner e de Norberto Silva trazem no seu bojo um teor reivindicatório, fruto certamente do ideário liberal moderno positivista que marcou o século XIX.

Brasileiras Célebres, apesar de causar uma certa frustração aos leitores feministas

porque não esconde seus propósitos conservadores, de reforço aos padrões tradicionais, da mulher boa mãe, mestra dedicada, esposa amantíssima, católica devota, sempre fiel à defesa da pátria e da Ordem, constitui uma fonte importante de referência histórica, diante de um “mar de ausências” que caracterizou a literatura do século passado. Mas ela não esconde suas intenções de colocar tais mulheres como modelos a serem seguidos pelas demais.

Pergunto: até que ponto tais modelos se estenderam à Amazônia, tida como região inóspita, isolada do contexto nacional ou mesmo mágica, na visão da época? A presença indígena, tendo sido preponderante aqui, não terá deixado uma marca cultural de diferença?

A ação dos jesuítas, de orientação católica, terá marcado a cultura ou terá sido hegemônica a influência indígena?

Até a chegada dos missionários cristãos, evangelizadores e controladores, a sexualidade entre os índios fluía livremente, como uma decorrência normal da sua fisiologia, nada impedindo a mulher de praticá-la. O controle advém com o casamento quando então a mulher passa a ser posse do marido.

Algumas pesquisas realizadas (Costa, 1984; Moura, 1986) sugerem um comportamento diferenciado da mulher amazônica em relação às mulheres do Sul e Sudeste no tocante à maternidade, matrimônio e sexualidade. Demonstrem uma certa autonomia individual, com regras próprias de comportamento nessas áreas.

Essa autonomia, contudo, parece não corresponder ao seu *status* político, já que essas mulheres não têm apresentado efetiva atuação na esfera política, a não ser em período mais recente.

Todas essas questões estimulam buscar a identidade cultural da mulher na Amazônia. Por outro lado, a afirmação da sua liberdade em determinadas esferas e negação em outras sugere uma pesquisa em seu passado.





NOTAS

1 – Essa lógica de pensamento levou Eric Hobsbawm a considerar longo o século XIX, tendo seu início marcado pelas revoluções burguesas do final do século XVIII e seu término nas proximidades da Primeira Guerra Mundial. Igualmente Geoffrey Bruun (1992), a considerar como limites desse século a Batalha de Waterloo (1815) e o princípio da Primeira Guerra Mundial.

2 – O termo cultura aqui é empregado no sentido, posto por Norberto Elias (1994, p. 58), de consciência que grupos ou nações têm dos seus próprios valores e peculiaridades e que os identifica, distinguindo-os dos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil – 1865-1866*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1975.

AVE-LALLEMANT, Robert. *No Rio Amazonas – 1859*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1980.

BASTOS, Elide Rugai e MORAES, João Quartim de. (orgs.). *O Pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

BRUUN, Geoffrey. *La Europa del Siglo XIX – 1815-1914*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. *Patriarcado e Dominação Capitalista*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1984.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Brasília: Ed. da Universidade, 1963.

_____. *Sobrados e Mucambos*. 5ª ed., São Paulo: Ed. José Olympio, 1977.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

MOURA, Edila A. Ferreira, et al. *A Utilização do Trabalho Feminino nas Indústrias de Belém e Manaus*, Belém: FUA/UFPA, 1986.

QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de Mulher – O Cotidiano Feminino no Brasil Sob o Olhar de Viajeiros do Século XIX*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Brasileiras Célebres*. Brasília. Senado Federal: Ed. Fac. Sim., 1997.

VALDÉS, Eduardo Devés. *La Mujer en el Pensamiento Latino-Americano a finales del Siglo XIX* (Clorinda M. Turner y José Marti). CEDHAL – Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina. São Paulo: USP, 1996.

VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

_____. *Instituições Políticas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1979.

